GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO

PALESTRA PROFERIDA NO INSTITUTO DO CEARÁ PELO CONSÓCIO RAIMUNDO ARISTIDES RIBEIRO

Senhor Presidente do Instituto do Ceará e demais eminentes consócios

Designado para falar na sessão de hoje sobre tema de livre escolha, não encontrei assunto digno de ocupar a atenção do Plenário da Casa, muito acostumado a ouvir as mais oportunas e magistrais explanações sobre assuntos do interesse geográfico, histórico ou antropológico.

Entretanto, no intúito de não me tornar totalmento omisso no concernente a essa convocação do Instituto, lembrei-me de que talvez não fôsse totalmente fora de propósito trazer ao conhecimento de tão ilustres quão compreensivos e benevolentes ouvintes, um assunto envolvendo matéria geográfica, focalizada sob os ângulos político e econômico, e que vem sendo objeto de demoradas reflexões de minha parte, ao planejar e concatenar dados visando a publicação de um opúsculo, intitulado de "Geopolitica do Petróleo".

Ao mesmo tempo que me refiro ao futuro lançamento dessa modesta monografia, sirvo-me dessa oportunidade para entrar em detalhes sobre as linha mestras do aludido ensaio.

"Geopolítica do Petróleo" pretende demonstrar como o surgimento e a aplicação generalizada dessa moderna e indispensável fonte de energia não só modificou totalmente os padrões da estratégia mundial, como desviou o próprio "rio da História", para usar a imagem empregada por Carlyle.

SURGIMENTO DA GEOPOLÍTICA

Quando a Geopolitica nasceu, na Suécia, no início deste século (1900), graças à inspiração de Rudolph Kjélen (que lhe atribuiu essa denominação), os conhecimentos geográficos, tanto os relacionados com a fisiografia, como os atinentes aos assuntos biogeográficos e humanos, já traziam uma notabilíssima bagagem de conhecimentos, devida a famosa trilogia de geógrafos alemães integrada por Alexandre de Humboldt, Karl Ritter e Frederico Ratzel.

Na época a preocupação dos geógrafos se fixava na GEOPOLÍTICA EXPANSIONISTA, adquirindo projeção excepcional: a) ora, o domínio das grandes áreas territoriais contíguas, de acôrdo com a concepção do inglês, Halford Mackinder; b) ora, o dominio das grandes áreas marítimas, no entender de Alfredo Mahan, almirante americano, impressionado com o alargamento do Império Colonial Britânico, em todos os quadrantes do

globo, com base na extraordinária frota de guerra e comercial da Marinha Inglesa.

Essas teorias e preocupações com o domínio mundial, pelas potências de então, eram de tal maneira marcantes na mentalidade dos políticos das duas primeiras décadas deste século, que tais idéias foram agitadas na Conferência de Versalhes, e concorreram por que as nações vencidas ao final da Primeira Grande Guerra (Alemanha, Áustria - Hungria e Turquia) perdessem, em favor dos vencedores, todas as colônias até entrão submetidas às suas soberanias.

EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA

Aconteceu, porém, que, o vertiginoso surto e o assombroso desenvolvimento da aviação, verificados sobretudo após a Segunda Grande Guerra, modificaram radicalmente todos os padrões relacionados com a estratégia mundial.

A esse respeito o sociólogo Charles Huard, em sua obra "Rotas Aéreas Mundiais", afirmou que a aviação, tanto a comercial como a bélica, e esta, mediante o emprêgo da nova balística e dos mísseis teleguiados, está remodelando (e vai fazê-lo muito mais ainda) os nossos mapas, reescrevendo a Geografia e perturbando nosso sentido de orientação.

E acentua o mesmo autor: "Outrora, uma viagem de costa a costa nos EEUU durava 29 dias em "diligências"; depois passou a ser realizada em 6 dias, por estrada-de-ferro; e atualmente é feita em poucas horas a jato-propulsão. É um exemplo que podemos multiplicar *n-vezes* no tocante à qualquer nação, entre Continentes diferentes e outrora distantes, quando se coloca o problema em têrmos de velocidade ultra-som.

Baseado nesse novo poder de decisão internacional, assomam à ribalta do tão perseguido domínio mundial aqueles que dispõem em abudância de combustível indispensável, tanto para a frota aérea como para as terrestres e marítimas, pois todas elas consomem petróleo.

Quando os geopolíticos do século passado (Kjéllen, Ratzel, Supan) e tantos outros das duas primeiras décadas deste século (Mackinder, Mahan, Spykman) se preocupavam em diagnosticar os problemas estratégicos do mundo de então, (o que levou Halford Mackinder, a abordar os temas sobre "Ilhas Mundial e Secundárias", "Terra Coração" e outros semelhantes, na própria Conferência de Paz, em Versalhes), jamais poderiam supor que aqueles conceitos e teorias, que haviam empolgado diversas gerações de Geógrafos e Políticos, estariam totalmente obsoletos dentro de pouco tempo, face às novas determinantes mundiais desencadeadas por um líquido até então pouco conhecido, fétido ou mal-cheiroso e de aplicação bastante restrita na economia mundial.

MODIFICAÇÕES DE PADRÕES

Pode-se dizer, sem sombra de dúvida, que o petróleo transformou radicalmente a Geopolítica mundial, forjando os "novos dominadores" da política internacional.

Da mesma forma como Hitler, Mussolini e o almirante Tojo (primeiro ministro japonês, por ocasião do famoso Eixo-Roma-Berlim-Tóquio), os *xeiques* dos outrora obscuros emirrados árabes estão "dando as cartas e jogando de mão".

Muitas nações européias hoje se apavoram temerosas de uma reação árabe, tal-qualmente acontecia, há poucas décadas, quando Hitler trovejava ameaças contra aqueles que pretendiam opôr-se do seu expansionismo político-militar.

Sem ocuparem, militarmente, terras de ninguém, os donos do petróleo passam ao domínio efetivo dos destinos de várias nações, rotuladas de independentes e que se julgavam soberanas.

Transformou-se total e radicalmente toda a perspectiva da Geopolítica mundial.

DISTORÇÃO NO CONCEITO

Durante certo tempo, logo após o término da Segunda Grande Guerra, pesou sobre o nome GEOPOLÍTICA uma espécie de labéu ou má-fama, devido às deturpações ou contrafações inflingidas pelos nazistas a esse interessante ramo de estudos da Ciência Política aplicado à Geografia.

Antes do aparecimento do Nacional Socialismo Alemão, teorizado por Rosemberg e Karl Haushoffer e posto em prática por Adolph Hitler, a GEOPOLÍTICA era uma ciência como outra qualquer, com seu objetivo normal, investigando os métodos de aplicação de determinada política de acôrdo com as condições do meio, atendendo às características de cada população e de cada cultura.

Isto porque, nem sempre um sistema político pôsto em prática em certa região da Terra se adapta à outra, que disponha de características fisiográficas e culturais diferentes. (Daí a validade do aforismo da sabedoria popular: "cada roca tem seu fuso e cada terra tem seu uso"...)

Entretanto, quando Hitler se instalou no poder e conseguiu travestir-se em "Fuerer" do povo alemão, graças à habilidade daqueles colaboradores que passaram a pontificar no "Instituto Geopolítoco de Berlin", conseguiu transformar a Ciência de Ratzel, de Kjéllen e de tantos outros luminares da Geografia Humana em poderoso instrumento da *guerra de conquista*. E por esse motivo, isto é, em razão das deturpações impostas à Geopolítica pela

escola geográfica nazista, até mesmo o nome desse ramo da Ciência Política terminou por cair em desgraça.

E esse fenômeno (referente à *distorção* de *sentido*) se abateu de tal ordem sobre esses estudos, que um geógrafo da dimensão cultural do Professor M.A. Teixeira de Freitas, mesmo vários anos depois da Segunda Grande Guerra, e a propósito de publicações de várias obras sobre Geopolítica, ainda apresentava objeções quanto à "oportunidade" de se versar "temas germanófilos".

E foi preciso, - acentua o Major J.C. Fairbanks - que, nos Estados Unidos, se criasse a cadeira de Geopolítica em centenas de Universidades, para que, no Brasil essa palavra saisse do INDEX e deixasse de ser "tema germanófilo"...

Confundia-se, lamentavelmente, o objetivo da Geopolítica com o "expansionismo" ou a tendência dos Estados para anexar novas áreas territoriais, esquecendo-se muitos desses apressados "intérpretes" do verdadeiro sentido dessa Ciência, que a sua principal finalidade, entre as nações pacíficas, é justamente a Geopolítica Interna, relacionada com a recuperação, a volorização, o aproveitamento racional das áreas ainda não integradas na comunhão nacional.

É precisamente isto o que se tem realizado no Brasil no curso dessas última décadas, com o esfôrço da Nação voltado para o Oeste, para a Amazônia, para o Nordeste, através das mais variadas formas de Integração Nacional. Isto é Geopolítica Interna e, evidentemente, nada tem em comum com a Escola Geopolítica de Berlim, e muito menos com a nova "Escola Geopolítica dos Árabes".

No capítulo anterior, fiz um síntese de como surgiram as idéias de *domínio mundial* baseadas em "suportes" hoje totalmente ultrapassados; uns, porque se fundamentavam no fator *extensão das áreas terrestres*, outros no poder daqueles que dominavam os mares através de suas esquadras comerciais e de guerra.

Foi quando, por ocasião da Segunda Grande Guerra, e, notadamente, depois dela, surgiu o Poder Aéreo, como toda sua imensa capacidade de transformação tornando obsoleta toda a anterior estrátegia mundial, em razão do aparecimento das ogivas atômicas a voarem nos misseis teleguiados.

E o "Clube Atômico" expandiu-se e continua crescendo, tornando-se agora presumivelmente inócuo, em razão da possibilidade de represália imediata.

O NOVO CONCEITO DE DOMÍNIO

Acontece, porém, que esse estado de coisas, acabou por gerar, nesse

bôjo de ameaças recíprocas, uma *nova modalidade de expansão geopolítica*, a daqueles que *dominam* outras áreas e outros povos, sem a necessidade de ocupá-los fisicamente como fazia Hitler, ou como o faz ainda hoje o marxismo soviéticos, com os "satélites" sob sua "influência".

Afirma-se terem sido os soviéticos os inspiradores dos árabes para a nova estratégia de domínio mundial baseada na *chantagem do petróleo*. E não é difícil que tal haja acontecido, por que é visível a influência russa naquela região.

Desta sorte, os árabes estão auxiliando os soviéticos a debilitarem cada vez mais a civilização ocidental. Várias nações - inclusive a outrora orgulhosa França - foram humilhadas pelos donos do petróleo árabe. Bastou - como o afirmou o jornal "Washington Post" - "um estalo dos dedos dos *xeiques*, para que o govêrno francês se inclinasse obediente ao comando *beduino*", e mandasse entregar um *terrorista*, são e salvo, na Argélia.

Ironia da "estória": hoje ditam as leis da "geopolítica expansionista" as populações egressas dos desertos, inspiradoras de "novas normas" para a política internacional, pelo menos até que se esgotem esses recursos, que afirmam ser imensos, recobertos pelas areias escaldantes.

Quando chegará a *vez* de as áreas intertropicais (onde se localiza o Brasil) se libertarem dessa chantagem deprimente?

DOMÍNIO, SEM A POSSE EFETIVA

Consoante já nos foi dado salientar, a população deste sofrido planeta Terra está submetida a novos processos de *dominação geopolítica* – daquele tipo detestável e escravisador – praticados agora pelas tribos das regiões desérticas as quais, de um momento para outro, se transformaram em "grã-senhoras do baraço e do cutelo"...

Como tudo hoje se faz à distância, graças ao "milagre" dos computadores, os beduinos dos desertos passaram a impor o seu domínio a outros povos, através de curiosa e eficiente "cibernética" econômica, ao movimentarem os "contrôles" do petróleo.

Hoje uma ameaça árabe de suspensão de remessa do óleo-negro - mesmo realizada de forma discreta, talvez "com um simples estalar de dedos" (refiro-me a rude expressão empregada pelo jornal "Washington - Post") ou com um salameque com inclinação de cabeça e "persignação" pelo avêsso em direção a Alá, tais ameaças possuem muito maior *fôrça de intimidação*, para muitas nações européias, do que os gritos histéricos dos elementos do eixo Roma-Berlim-Tóquio, mesmo quando eles se convertiam em violentas e fulminantes operações da famosa "blits-krieg" ou dos Kamikasi.

Estranha, curiosa e inusitada *forma de domínio mundial*, essa que surge em plena pré-estréia do Século XXI - jamais imaginada sequer por ninguém - quando nações, mal ultrapassadas ao regime tribal, conseguem vergar a orgulhosa cerviz de muita gente que se julgava tranquilamente forrada por largos e macios estratos da civilização.

Como explicar esse fenômeno? Será indício de que ingressamos na "praxis" apontada pela "filosofia estruturalista" (onde se defende a prevalência do "pensamento selvagem"); ou será uma nova modadlidade da simbólica *"tôrre de babel"*, com que Deus procurou confundir o orgulho da humanidade pré-diluviana?

Infelizmente, o nosso Brasil vai continuar também garroteado por essa conjuntura, até não sabemos quando... Muito embora tenhamos esperança de nos safar dessa *situação de "sufôco"*, graças à promissora atividade da Petrobrás na plataforma continental. Pelo menos a mãe-natureza nos deu essa vasta possibilidade para a exploração das riquezas submarinas, numa extensão de 7.200 Kms. de costa atlântica.

A ENERGIA SOLAR

E quando todas as fontes de energia não renováveis se houverem esgotado (hulha, petróleo e materiais radiativos), o que acontecerá dentro de um prazo certamente ainda distante, mas fatalmente limitado, ao nosso país restarão ainda os vastos e praticamente inesgotáveis recursos da ENERGIA SOLAR.

Houve certa época, na história dos povos, na qual se olhava, senão com desdém, mas, pelo menos, com justificada piedade, para a aquelas populações incultas, localizadas na zona intertropical da Terra, *"habitat"* então *considerado totalmente inadequado para o desenvolvimento de uma próspera civilização.*

Quais as grandes culturas a serem apontadas como vicejantes entre os dois trópicos?

Dizia-se que as condições do clima ardente e constante estiolava as energias vitais da espécie humana. E quando não bloqueasse, era certo que dificultava e embotava o normal desenvolvimento biológico (anatômico, fisiológico e psíquico) de suas populações.

Quantos, dentre os mais eminentes geógrafos, antropólogos, sociólogos e economistas europeus e americanos, durante os séculos 18 e 19, não pensaram dessa maneira, a respeito da "desgraça" de tanta gente nascida sob os rigores de tal clima?

Postados no vértice de uma perspectiva que se abria apenas para as áreas compreendidas pelas *zonas temperadas* do Globo, onde se desenvolviam as

denominadas "grandes civilizações" (em áreas coincidentes com as atuais e grande ocorrências do petróleo), os *experts* da Geografia Humana jamais supuseram que suas teses, baseadas exclusivamente na *amenidade dos climas*, pudessem vir a ser suplantadas pelo *problema energético*, que passaria a dar nova dimensão à problemática da existência humana nos diversos quadrantes da Terra.

O REVERSO DA ANTIGA TEORIA ANTROPOLÓGICA

Não chegaremos ao excesso de afirmar que, após a extinção dos recursos energéticos oriundos do carvão, do petróleo e dos materiais radioativos, os povos das zonas temperadas da Terra irão desaparecer, porque ali a energia solar é de pouca intensidade... Não; porque ainda lhes restarão a energia hidráulica, a dos ventos, a das marés e até mesmo - quem sabe? - a possibilidade de colher energia solar, em abundância, acima das camadas menos densas da atmosfera...

Entretanto, que nessa ocasião *terá chegado a vez da zona intertropical*, (para muitos tratadistas denominada de tórrida,) quanto a isto não restará a menor dúvida...

E não pensem os Senhores que eu esteja apenas elaborando mais um capítulo do tipo *ciência-ficção*... Quando, em certo e remoto futuro, a fonte de energia mais facilmente utilizada for o sol (porque as demais já se encontrarem esgotadas, e os sucedâneos forem de mais difícil utilização), e as regiões da chamada "*zona tórrida*" (a intretropical) for a mais rica em energia disponível, porque bombardeada perpendicularmente pelos raios solares, então a humanidade dessa época terá uma visão totalmente diferente e sobretudo contrastante daqueloutra que apontava a região intretopical, como "*inadaptada ao desenvolvimento de uma grande civilização*".

E como nessa época, a maior riqueza energética pertencerá à região que dispuser de maior ensolação, de muito calor e muita luz (com sua radiação aproveitada ao máximo), então os novos economistas, sociólogos, geógrafos e antropólogos desses séculos futuros defenderão a tese (contrariamente ao que se pensou durante muito tempo) de que as zonas temperadas do Globo, onde a energia solar é fraca e de rendimento deficiente, serão apontadas como pouco adaptadas ao desenvolvimento de grandes civilizações...

Quando tal acontecer (e não necessita ser futurólogo para chegar a essas conclusões), as grandes civilizações ocuparão as regiões intertropicais da Terra.

E o nosso Brasil, que até hoje não teve necessidade de mudar de lugar, mesmo havendo alguns estrangeiros descrido de sua possibilidade de desenvolver e fixar marcante cultura nos trópicos, enquanto outros já lhes

concedem o *status* de "potência emergente", mesmo reconhecendo as deficiências energéticas de seu subsolo, parte agora para o aproveitamento de suas potencialidades, com vistas a um atendimento a médio prazo, enquanto se arregimenta para a obtenção da energia solar.

O Brasil tem necessidade urgente de se antecipar na instalação das "usinas solares", a fim de transformar, em proveito de sua gente, justamente "aquilo" (a insolação irradiante) que era apontado como fator negativo, deprimente para seu desenvolvimento civilizacional.

CONCLUSÃO

Senhores. Fiz uma síntese dos três primeiros capitulos de "Geopolitica do Petróleo", dando ênfase especial à *energia solar*, como sucedâneo único, em futuro não muito remoto, após o esgotamento total, e de natureza irreversivel porque irrecuperavel, das chamadas energias convencionais e comumente usadas.

Desculpem, Sr. Presidente e ilustres consórcios, se lhes impingi assunto que certamente não estava em vossas cogitações.

Somente me animei a desenvolvê-lo perante os senhores e tomando-lhes o precioso tempo, porque se trata de assunto ligado á Geografia, que é uma das temáticas básicas do Instituto do Ceará.

Muito obrigado.